

# RiMe

Rivista dell'Istituto  
di Storia dell'Europa Mediterranea

ISBN 9788897317869

ISSN 2035-794X

numero 14/II n.s., giugno 2024

**A imagem de Fernão de Magalhães pelas vozes de  
Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio**

**The image of Ferdinand Magellan through the voices of  
Antonio Pigafetta and Giovan Battista Ramusio**

Ana Paula Avelar

DOI: <https://doi.org/10.7410/1691>

Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea  
Consiglio Nazionale delle Ricerche  
<http://rime.cnr.it>

**Direttore responsabile | Editor-in-Chief**

Luciano GALLINARI

**Segreteria di redazione | Editorial Office Secretary**

Idamaria FUSCO - Sebastiana NOCCO

**Comitato scientifico | Editorial Advisory Board**

Luis ADÃO DA FONSECA, Filomena BARROS, Sergio BELARDINELLI, Nora BEREND, Michele BRONDINO, Paolo CALCAGNO, Lucio CARACCILO, Dino COFRANCESCO, Daniela COLI, Miguel Ángel DE BUNES IBARRA, Antonio DONNO, Antonella EMINA, Vittoria FIORELLI, Blanca GARÌ, Isabella IANNUZZI, David IGUAL LUIS, Jose Javier RUIZ IBÁÑEZ, Giorgio ISRAEL, Juan Francisco JIMÉNEZ ALCÁZAR, Ada LONNI, Massimo MIGLIO, Anna Paola MOSSETTO, Michela NACCI, Germán NAVARRO ESPINACH, Francesco PANARELLI, Emilia PERASSI, Cosmin POPA-GORJANU, Adeline RUCQUOI, Flocel SABATÉ i CURULL, Eleni SAKELLARIU, Gianni VATTIMO, Cristina VERA DE FLACHS, Przemysław WISZEWSKI.

**Comitato di redazione | Editorial Board**

Anna BADINO, Grazia BIORCI, Maria Eugenia CADEDDU, Angelo CATTANEO, Isabella CECCHINI, Monica CINI, Alessandra CIOPPI, Riccardo CONDRÒ, Francesco D'ANGELO, Alberto GUASCO, Domenica LABANCA, Maurizio LUPO, Geltrude MACRÌ, Alberto MARTINENGO, Maria Grazia Rosaria MELE, Maria Giuseppina MELONI, Rosalba MENGONI, Michele M. RABÀ, Riccardo REGIS, Giampaolo SALICE, Giovanni SERRELI, Giovanni SINI, Luisa SPAGNOLI, Patrizia SPINATO BRUSCHI, Giulio VACCARO, Massimo VIGLIONE, Isabella Maria ZOPPI.

**Responsabile del sito | Website Manager**

Claudia FIRINO

© **Copyright: Author(s).**

Gli autori che pubblicano con *RiMe* conservano i diritti d'autore e concedono alla rivista il diritto di prima pubblicazione con i lavori contemporaneamente autorizzati ai sensi della

Authors who publish with *RiMe* retain copyright and grant the Journal right of first publication with the works simultaneously licensed under the terms of the

**“Creative Commons Attribution - NonCommercial 4.0  
International License”**



Il presente volume è stato pubblicato online il 30 giugno 2024 in:

This volume has been published online on 30 June 2024 at:

<http://rime.cnr.it>

CNR - Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea  
Via Giovanni Battista Tuveri, 130-132 — 09129 Cagliari (Italy).  
Telefono | Telephone: +39 070403635 / 070403670.  
Sito web | Website: [www.isem.cnr.it](http://www.isem.cnr.it)



## Special Issue

**“mar imenso solitário e antigo”:  
os italianos nas rotas marítimas portuguesas**

**“mare immenso solitario e antico”:  
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi**

**“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese  
maritime routes**

A cura di / Edited by  
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -  
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini



RiMe 14/II n.s. (June 2024)

Special Issue

“mar imenso solitário e antigo”:  
os italianos nas rotas marítimas portuguesas

“mare immenso solitario e antico”:  
gli italiani lungo le rotte marittime portoghesi

“mar imenso solitário e antigo”: the Italians in the Portuguese  
maritime routes

A cura di / Edited by  
Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar -  
Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini

Table of Contents / Indice

Nunziatella Alessandrini - Ana Paula Avelar - Mariagrazia Russo - Gaetano Sabatini Introduzione / <i>Introduction</i>	7-12
Nunziatella Alessandrini - Gaetano Sabatini Leone Pancaldo, um italiano na expedição de Fernão de Magalhães / <i>Leone Pancaldo, an Italian on Ferdinand Magellan's expedition</i>	13-36
Ana Paula Avelar A imagem de Fernão de Magalhães pelas vozes de Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio / <i>The image of Ferdinand Magellan through the voices of Antonio Pigafetta and Giovan Battista Ramusio</i>	37-50
Teresa Nobre de Carvalho O mundo natural americano descrito por Michele da Cuneo (1495): um dos mais precoces registos da flora caribenha / <i>The American natural world described by Michele de Cuneo: One of the earliest records of Caribbean flora</i>	51-80
Elisabetta Colla Un panorama etnografico del "mondo" e della sua rappresentazione nei "Ragionamenti" di Francesco Carletti / <i>An ethnographic overview of the "world" and its representation in Francesco Carletti's "Ragionamenti"</i>	81-100
José Manuel Garcia Um diálogo de fontes sobre a viagem de Fernão de Magalhães: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta / <i>A dialogue of sources about Ferdinand Magellan's journey: Francisco Albo vs. Antonio Pigafetta</i>	101-119
Rui Loureiro Giovanni Battista Ramusio e a primeira circum-navegação: Novidades geográficas, circulação de informações e intertextualidade / <i>Giovanni Battista Ramusio and the first circumnavigation: Geographical news, circulation of information and</i>	121-139

*intertextuality*

- Hilarino da Luz Rodrigues 141-159  
*A presença de Antonio da Noli em Cabo Verde / The presence of Antonio da Noli in Cape Verde*
- Alessandro Ricci 161-186  
*Dal Mundus al Globus. L'impresa globale di Magellano nella visione imperiale di Carlo V / From Mundus to Globus. Magellan's global feat in the imperial vision of Charles V*
- Mariagrazia Russo 187-201  
*A visão disfórica das viagens portuguesas em Giovanni Battista Ramusio / The dysphoric vision of Portuguese voyages in Giovanni Battista Ramusio*



## A imagem de Fernão de Magalhães pelas vozes de Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio

### The image of Ferdinand Magellan through the voices of Antonio Pigafetta and Giovan Battista Ramusio

Ana Paula Menino Avelar

(Universidade Aberta de Lisboa)

<https://orcid.org/0000-0003-0482-3832>

Date of receipt: 27/09/2023

Date of acceptance: 28/06/2024

#### Resumo

Tendo como nóculo analítico a compilação de viagens, *Delle Navigazioni et Viaggi* de Giovan Battista Ramusio, analisa-se como, no século XVI, se construiu uma imagem de Fernão de Magalhães e da sua viagem de 1519 às "Índias". Aplicando instrumentos hermenêuticos usados pelos "Encounter studies" e conceitos como tradução cultural desoculta-se, a partir da descrição da viagem magalhânica de Antonio Pigafetta, e da sua incorporação numa colectânea de textos, o perfil de um comandante. Nesta análise expõe-se como Pigafetta transmite as ações que testemunhou e comAo o seu olhar se transfigura quando as suas palavras são incorporadas numa compilação de viagens como a Giovan Battista Ramusio.

#### Palavras-chave

Fernão de Magalhães; historiografia; Giovan Battista Ramusio; Antonio Pigafetta; tradução cultural.

#### Abstract

Having Giovan Battista Ramusio's *Delle Navigazioni et Viaggi* as an analytical core, we analyse how an image of Ferdinand Magellan and his 1519 voyage to the "Indies" was depicted in the 16th century.

Applying hermeneutic tools used by "Encounter studies" and concepts such as cultural translation, the profile of a commander is unveiled from Antonio Pigafetta's description of Magellan's voyage and its embedding into a collection of texts.

This analysis outlines how Pigafetta conveys the actions he witnessed and how his gaze is transfigured when his words are incorporated into a compilation of journeys such as Giovan Battista Ramusio's.

#### Keywords

Fernão de Magalhães; historiography; Giovan Battista Ramusio; Antonio Pigafetta; cultural translation

---

#### Bibliografia – Curriculum vitae

Ao tomar o tópico da imagem de Fernão de Magalhães, nos discursos narrativos de Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio, subscrevo o princípio de que são as fontes históricas que nos possibilitam traçar conjunturas, desenhar perfis históricos, perceber acontecimentos, historiografar um tempo. Contudo, dever-se-á atender ao facto de que os textos entendidos como fontes foram produzidos em determinados contextos e a sua interrogação aturada e adequada é determinante para o fazer da História e para o conhecimento dos seus agentes.

Considerando estes pressupostos e visando revelar uma imagem, a de Fernão de Magalhães, analiso como o relato da viagem, elaborado por Antonio Pigafetta, foi trabalhado pela mão de Giovan Battista Ramusio e integrado na sua obra *Delle Navigazioni et Viaggi*. Neste exercício confrontarei igualmente um outro texto que celebrou esta expedição magalhânica, o qual também se encontra nesta compilação de relatos de viagem e foi elaborado sob os auspícios de Carlos V, por um seu secretário Maximilian von Sieberbürgen, conhecido como Maximilianus Transilvanus. A escolha destes textos, que cumpririam objetivos diferenciados, o de Pigafetta que relata a sua viagem e o de von Sieberbürgen que celebra uma expedição efectuada ao serviço de uma coroa, permite traçar diferentes faces de um perfil histórico, visto serem dois discursos representativos de duas faces especulares, mediados pela voz de um tradutor /compilador Giovan Battista Ramusio.

Assinale-se, desde já, que subscrevo nesta reflexão a postura goodmaniana de que as imagens são símbolos, isto é, são entidades que estão no lugar de outra coisa, sendo nuclear para a sua descodificação a função que jogam no contexto, o qual não cessa de se renovar (Goodman,1968,pp.40-43) até porque segundo este mesmo autor os símbolos podem combinar-se em “cadeias de referência” (Goodman,1981, 121-132), originando instâncias de referências complexas, as quais devem ser expostas quando estamos em presença de um texto como o de Pigafetta trabalhado pela mão de Ramusio.

A esta noção e à sua evolução dever-se-á igualmente ter em atenção a de descrição, cujo estudo, como assinala Jacques Morizot: “(...) peut désormais faire fond sur l’immense héritage de la linguistique et de la philosophie du langage et répond à des procedes sémantiques bien balisés(...)” (Morizot, 1986, pp.I-II).

A imagem de Fernão de Magalhães emerge das vozes autorais em análise, nomeadamente da de Antonio Pigafetta e Giovan Battista Ramusio, tendo o primeiro sido um dos participantes da viagem magalhânica, e sobre ela escrevendo e o segundo ter, pela primeira vez, integrado esse relato na sua compilação de viagens.

Assim, se a escolha do primeiro autor se autoexplica a do segundo não será tão evidente. Todavia, esta decorre do facto de a tradução da obra de Pigafetta e da sua incorporação numa compilação de viagens evidenciar a repercussão que a mesma teve, logo no século XVI, no momento em que foi escrita.

Como Nicolas Offenstadt lucidamente sistematizou, as fontes são objectos produzidos: são um ponto de chegada cujo caminho deve ser restaurado, pois permitem a aproximação ao acontecido, através da inquirição de um testemunho de práticas históricas, facultando uma reconstrução mais fidedigna do passado (Offenstadt, 2010, p.77). Mencione-se que, muitas destas narrativas de viagem surgiram impressas seja autonomamente seja incorporadas em coletâneas e têm-se constituído como solo heurístico dos “Encounter Studies”. Apesar da amplíssima abrangência deste espaço de análise, a sua hermenêutica exige o domínio conceptual dos campos da História e da teoria literária, funcionando como um olhar analítico que toma um qualquer artefacto intelectual de interação da Europa com o Outro. Atente-se como, porque não se conhece um evidente registo cartográfico ou inscrição que represente uma conceção realística do oceano pacífico pré-magalhânico, Oskar Spate considerar “o Pacífico”, como um artefacto europeu” (Freeman, 2015, p.5).

Apesar das críticas a um possível eurocentrismo analítico quando trabalhamos na área dos “ Encounter Studies”, defendo que as representações europeias de outros espaços, devem ser aprofundadas, pois reconstruíram um “conhecimento do mundo”, procurando “representá-lo”. Estamos na alvorada de uma nova Cultura, aquela que como Gilles Lipovetsky assinala na sua Cultura-Mundo, já não se constitui, como um cosmos fixo da unidade, do sentido último e das classificações hierarquizadas, mas preludia o das redes, dos fluxos, da moda e do mercado sem fundamento nem centro de referência (Lipovetsky-Serroy, 2010, p.11-37). Sublinhe-se que Fernão de Magalhães é um dos agentes dessas mudanças, coevamente assim *etiquetado*.

Não é propósito deste ensaio perscrutar detalhadamente o percurso biográfico deste navegador, nem o modo como a cronística portuguesa desenhou o perfil de Fernão de Magalhães, nomeadamente precisando a dicotomia presente nesses discursos historiográficos quando se debruçam sobre o perfil descrito do navegador ao serviço de Portugal contraposto à narrativa da sua atuação ao serviço de Castela (Avelar, 2021, pp.465-480). Neste momento visa-se contextualizar os discursos em análise, assinalando, desde já, o conjunto de obras que actualmente se conhecem sobre esta viagem e que foram produzidas logo no século XVI, visto ser este o nosso

solo heurístico. Recorde-se, porém, que a viagem Fernão de Magalhães – Elcano ocorreu entre 20 de setembro de 1519, quando uma frota de 5 naus saiu de Sanlúcar de Barrameda e 8 de setembro de 1522, data da chegada a Sevilha da nau *Victoria*. Fernão de Magalhães morrera a 27 de abril do ano anterior em Mactan (Thomaz, 2018, pp.95-97).

Logo em 1522 corre pela Europa de então um discurso memorativo, noticiando a expedição. *A DE MOLUCCIS Insular* de Maximilian Transilvani. Este era secretário de Carlos V e assistira à chegada da nau Vitória, presenciara o relato que fora feito ao imperador, falara com os intervenientes da expedição, nomeadamente Pigafetta e escrevera em latim, sob a forma epístola, um discurso memorativo sobre a expedição. Este texto, que dirigiu ao cardeal – arcebispo de Salisburgo, foi no ano seguinte (1523) impresso em Colônia. Em 1550 saiu, traduzido para italiano, nas *Navigazioni et viaggi ...* de Baptista Ramusio sob o título *Epistola Di Massimiliano Transilvano ...della ammirabile & stupenda nauigatione fatta per li Spagnuoli lo anno MDXIX attorno il mondo*<sup>1</sup> (Castro et alii, 2007).

Este texto surge a par da digressão autoral de Antonio Pigafetta, que fora impressa em Paris, em língua francesa por Simon de Colines, sem data, mas possivelmente em 1525 ou 1526, sob o título *Le Voyage et navigation fait par les Espaignolz es isles de Mollucques, des isles quilz ont trouvé au dict voyage*. Há ainda notícia de quatro manuscritos ilustrados, todos cópias de um original perdido, três dos quais em francês [dois encontram-se na *Bibliothèque nationale de France* e um na *Beinecke Rare Book & Manuscript Library*]. O quarto exemplar, datado de 1525 e que se encontra em Milão na Biblioteca Ambrosiana foi redigido em italiano, ainda que evidencie traços do dialeto veneziano. Em 1536 sai uma versão italiana, sendo a história de Pigafetta incluída em 1550 no *Primo volume delle Navigazioni et Viaggi*. Nesta coletânea ramusiana foi intitulada *Viaggio Attorno Il Mondo Scritto per Antonio Pigafetta Vicentino..Tradotto di lingua Francese nella italiana*.

Mas ainda sobre esta mesma viagem de Fernão de Magalhães possuímos outros relatos que permaneceram manuscritos no séc. XVI. Refiro-me ao *Diario ó derrotero*

---

<sup>1</sup> Dever-se-á confrontar o estudo indicado, pois para além do trabalho ensaístico em torno da obra de Antonio Pigafetta assiste-se a um exaustivo trabalho em torno das fontes que se conhecem sobre esta viagem. Refira-se que outras publicações foram saindo, nomeadamente sob os auspícios do último ciclo comemorativo magalhânico, porém não cabe no âmbito deste ensaio elencá-las todas. Refiro as que consubstanciaram ao tempo da sua publicação vectores analíticos, propiciadores de diferentes correntes analítico-históricas.

*del viage de Magallanes desde el cabo san Agustín en el Brasil hasta el regreso à España de la nao Victoria de Francisco Albo, à Navegação e Vyagem que fez Fernando de Magalhaes de Sevilha pera Maluco no anno de 1510, atribuída ao genovês Leone Pancaldo, à Viagem de Fernão de Magalhães por uma testemunha presencial possivelmente de Martin Ayamonte ou de Martin Loza, ao escrito encontrado na Biblioteca da universidade de Leida que descreve a viagem de Magalhães através da pena de um homem que ia em sua companhia, ou ainda o Libro que trata del descubrimiento del estrecho de Magalhanes de Gines de Mafra.*

Também a historiografia sobre os impérios ibéricos, nomeadamente as Histórias Gerais se debruçaram sobre esta expedição. No caso do império espanhol atente-se em: Pedro Mártir de Angleria, *De Orbe novo Decades* [Decada V, De orbe ambito]; Francisco López Gomara, *La historia general delas Indias con todos los descubrimientos: y cosas notables que han acaescido enellas, dende que se ganaron hasta agora* (Zaragoza, 1552) e Gonzalo Fernández de Oviedo, *Historia General y Natural de las Indias* (Valladolid, 1557). No caso do império português cite-se de Fernão Lopes de Castanheda, a *História do Descobrimento e Conquista da Índia Portuguesa* (Livro I, 1551 e o Livro VI 1554), de João de Barros, a *Ásia ... Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente* (Década III, 1553), de Gaspar Correia, as *Lendas da Índia* (correm manuscritas no século XVI) e de António Galvão, o *Tratado que compôs o nobre & notauel capitão Antonio Galuão, dos diversos & desuayrados caminhos, por onde nos tempos passados a pimenta & especearia veyo da India ás nossas partes, & assi de todos os descobrimentos antigos & modernos, que são feitos até a era de mil & quinhentos & cincoenta...* (1563) (Avelar, 2021, p.475).

Importa ter em atenção que esta constelação de relatos sobre a viagem magalhânica é frequentemente elaborada a partir do exercício de uma memória palimpséstica relativamente ao discurso historiográfico, como acontece com as Histórias Gerais sobre o Império. Mas, este exercício analítico de desconstrução de um perfil histórico parte, como já referi, de três vozes autorais, a de Antonio Pigafetta, Giovan Baptista Ramusio e Maximilian von Sieberbürgen, Maximiliano de Transilvânia como é conhecido nas fontes portuguesas. A razão desta escolha prende-se com o facto de Pigafetta (Pigafetta, 2021, pp.13-27)<sup>2</sup> ter acompanhado

---

<sup>2</sup> Refira-se que se indica esta nota bibliográfica pois o trabalho de edição, introdução, tradução e notas de Joana Lima é uma referência incontornável, visto o aparato crítico atender de um modo sincrético e preciso o atual estado de arte relativamente ao autor e à edição portuguesa do texto.

Fernão de Magalhães na viagem, ter testemunhado os acontecimentos e o seu relato ter sido o segundo impresso que corre ao tempo, constituindo-se, por isso mesmo, em um construto nuclear da imagem do navegador português.

Tanto a narrativa de Antonio Pigafetta como as *Navigazioni et Viaggi...de Giovan Battista Ramusio* formatam a representação do “mundo do Outro” a partir do ponto de vista do autor. A imagem de Fernão de Magalhães deve, por isso mesmo, ser desocultada, usando este solo conceptual e ao facto de neste nosso século XVI, o registo da novidade, da navegação de outros espaços oceânicos e da permanência em outras terras expor um domínio imperial, descrevendo-se igualmente os seus agentes. Dever-se-á, assim, atender, nesta nossa análise sinóptica de que participam imagens, a de Magalhães, aos *topoi* (Hauser, 2002, pp.111-112), os dos impérios, tomando estes como nódulos associadores activos de ideias, que representam categorias e ou relações (Avelar, 2022, p. 186).

A viagem de Fernão de Magalhães ao serviço da coroa espanhola inscreve-se na exposição de um domínio imperial. Carlos V fora eleito imperador a 28 Junho de 1519. Foi ainda como Carlos I, que o monarca espanhol financiou toda a expedição de Fernão de Magalhães (acordo assinado a 22 de Março de 1518). A frota saiu de Sanlúcar de Barrameda a 20 de setembro de 1519. Nesta altura Carlos I, já podia ostentar o título de imperador eleito, ainda que ainda não tivesse sido coroado (Parker, 2019). Registe-se como, o seu conselheiro dileto, Mercurino Gattinara o inscreveu na linhagem de Carlos Magno, e no caminho para uma justa monarquia universal, cujo fim seria o de unir a orbe sobre o comando de um único pastor, tomando a divisa de “Plus Ultra” (Yates, 2001, pp. 27-36). Como imperador almejava a edificação de uma monarquia universal em que os novos mundo participavam e a expedição magalhânica contribuiria para tal a sua concretização (Kohler, 2001, p. 69).

Por outro lado, também em Portugal, já em 1491, D. João II tinha sido interpelado por Angelo Poliziano como o monarca que a par dos vitoriosos combates travados em terras de África realizara um *grandioso e vasto quadro de proezas*. D. João tinha sido o rei cujos lenhos tinham provocado e quebrantado *as vagas do tímido e soberbo oceano, antes intactas e sem carreira aberta*, restituindo a si mesmo o mundo que havia sido mutilado. Observe-se, na missiva endereçada pelo humanista italiano, a passagem onde este interpela o monarca:

que grandioso e vasto quadro de proezas apenas acreditáveis se me não oferecia, se eu fosse comemorar as vagas do tímido e soberbo oceano, antes intactas e sem carreira aberta, provocadas e quebrantadas pelos vossos lenhos, as balizas de

Hércules desprezadas, o mundo que havia sido mutilado, restituído a si mesmo (...).(Branco,1879, II,pp.415-416)

Este fora o monarca que negociara o Tratado de Tordesilhas (1494), razão que determina todo o percurso da viagem Magalhães/Elcano. D. Manuel, seu sucessor, fora até 1499 “Rei de Portugal e dos Algarves, d’Aquém e d’Além-Mar em África, e Senhor da Guiné” e após o regresso de Vasco da Gama intitulara-se “Rei de Portugal e dos Algarves, d’Aquém e d’Além-Mar em África, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação e Comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia...” (Costa, 2007,p.256). D. João III, seu filho, o monarca que dirimirá a questão em torno do regresso em 1522 da nau Vitória, comandada por Sebastião de Elcano toma a mesma titulação. Após ter subido ao trono este monarca alterou a forma como recebia os embaixadores, seguindo o procedimento de Carlos V, visto ambos os impérios terem a mesma honra e dignidade, como escreve Frei Luís de Sousa um dos seus biógrafos (Sousa,1938,I, pp. 58-59).

Ainda no que concerne a questão de a expedição magalhânica concorrer para a afirmação do “império universal” de Carlos I/Carlos V, importa considerar o facto de desde as expedições colombinas (1492-93; 1493-96; 1498-1500; 1502-1504) o atlântico ser cruzado pelas velas espanholas, procurando-se uma rota alternativa à portuguesa para as ilhas das especiarias. Na última viagem de Colombo avança-se no conhecimento do mar das Caraíbas, sendo que, logo em em 1500, Fernando o Católico projecta uma expedição para explorar essa via alternativa a qual não se efectiva. Três anos passados reúne-se uma junta de homens do mar onde participam Amerigo Vespucci, Vicente Ianez Pinzón, Juan de la Cosa, João de Solis, a qual reflete sobre o modo como se deve avançar no domínio dos espaços marítimos e em 1511 Juan Diaz Solis e Vicente Ianez Pinzon exploram as Honduras. Dois anos mais tarde Vasco Nuñez de Balboa (1513) atinge o mar do sul (o Pacífico) e a de 1515 de Juan Diaz Soliz chega ao Rio da Prata, explorando-o, visto se considerar que esta poderia ser a passagem do Atlântico para o Pacífico ( Thomas, 2003, pp.385-415).

Este último navegador morre às mãos dos nativos em 1516, sendo a sua morte aludida tanto por Pigafetta, como por Maximiliano de Transilvânia e palimpsesticamente por Giovan Battista Ramusio. A referência a este navegador não é gratuita, marca como a procura da passagem para as ilhas das especiarias fora um objetivo já antigo, visando-se concorrer com o domínio imperial pluri-oceânico de Portugal. Praticando a sua eximia eloquência evidenciada tanto no texto latino, como na tradução ramusiana, Maximiliano de Transilvânia não deixou de assinalar como seria do comum

conhecimento que imensos lugares tinham sido descobertos pelos castelhanos no Ocidente, em direção ao Sul, e pelos portugueses para Oriente. Todavia, fora a expedição magalhânica, que, ao serviço do imperador, descortinou aquela que seria a restante parte do mundo<sup>3</sup>.

Além disso, a difusão de relatos que se debruçavam sobre os novos espaços legitima um poder e as compilações de viagens corporizam uma visão narrativa do mundo, cinzelada pelos compiladores. Sob a forma impressa tais textos irradiam pela Europa de então. Só alguns dados que permitem contextualizar a novidade e evidenciar a mão que o compilador/tradutor ganha nestas obras, nomeadamente no que refere ao modo como se prefiguram os agentes da expansão europeia. A exposição da novidade do Outro expõe um domínio (Avelar,2022). Logo, em 1507 sai em Veneza, por Enrico da Ca'Zeno, *I Paesi novamente ritrovati et Novo Mondo da Americo Vespucci florentino intitolato* de Francanzano Montalboddo que adquirem um enorme sucesso por toda a Europa, tendo sido objecto de inúmeras edições, nomeadamente em italiano, latim, francês ou alemão, aliás como acontecerá com as compilações de viagens posteriores. A estrutura desta compilação não obedece a propósitos precisos como sejam a pertinência dos textos ou a novidade que descrevem face ao que era conhecido. Johann Huttich prossegue os de Montalboddo e em 1532 publica-se em Basileia a sua *Novus Orbis*.

Já Giovan Battista Ramusio visa objetivos diferentes. Ele teve acesso a toda uma série de manuscritos e a sua coletânea é projetada a partir da relevância que os textos possuem, tendo em vista o conhecimento dos lugares e das gentes descritas. Os discursos são escolhidos não porque o autor a eles teve acesso, como acontecera com coletâneas anteriores, mas sim pela complementaridade que oferecem. O nosso compilador pretendia dar ao seu público os documentos que revelariam as primeiras experiências e observações dos espaços extraeuropeus que estavam a ser, ao tempo, trilhados. Ele tinha acesso à coleção de manuscritos doada a Veneza em 1469 pelo Cardeal Bessarion, a qual constituirá o núcleo da Biblioteca Marciana. Tanto Andrea

---

<sup>3</sup> Cf. A versão latina inserta em *Omnium gentium mores, leges, & ritus, ex multis clarissimis rerum scriptoribus, à Ioanne Boëmo Aubano Teutonico nuper collecti, & nouissimè recogniti. Accessit Libellus de regionibus septentrionalibus, earumque gentium ritibus, veterum scriptoribus seculo ferè incognitis, ex Iacobo Zieglero geographo. Praeterea, Epistola Maximiliani Transsylvani [!] lectu perquam iucunda, ad R. Card. Saltzburgen, de Moluccis insulis, & aliis pluribus mirandis*, <https://rb.gy/hs2iu>

Navagero (a partir de 1515) como Pietro Bembo (a partir de 1531) seriam os curadores deste fundo documental. todavia, nem Andrea Navagero, devido às sucessivas embaixadas que o afastavam de Veneza, nem Pietro Bembo, que seria eleito Cardeal em 1539, se dedicaram durante muito tempo à conservação deste espólio. Foi por esse motivo que Ramusio veio a desempenhar tal tarefa cujo trabalho seria amplamente aproveitado para a publicação, a partir de 1550, das suas *Navigazioni et Viaggi*... Ele segue uma coerente estrutura histórico-geográfica, cujo programa editorial será subscrito, ainda no século XVI, por Richard Hakluyt que o elogia na sua *Divers voyages touching the discoverye of America* e no século seguinte por Melchisédech Thevenot.

Como George Parks defendeu no meticuloso estudo sobre o trabalho editorial de Ramusio (Ramusio, 1970, pp. V-XVI), este construiu-se em 4 níveis: a) a procura de documentos, que colmatariam as informações em falta relativamente a espaços geográficos e temporais ainda não referenciados nas obras que circulavam impressas; b) a seleção dos textos, que deveriam incorporar a compilação, usando os critérios de fiabilidade descritiva; c) a tradução para italiano das narrativas originalmente escritas noutra língua; c) a elaboração de comentários que explicassem a presença do relato no conjunto da compilação.

É exatamente relativamente a este último aspeto que a voz do compilador/tradutor se evidencia, ainda que a mesma se revele subliminarmente nas escolhas que, como tradutor, efetua para a redação final do texto. Refira-se que a inclusão do relato de Antonio Pigafetta e da epístola de Maximiliano de Transilvânia obedece a todos estes critérios. No comentário, que Ramusio elabora face ao texto compilado, ele demonstra a complementariedade dos relatos, pois ambos se integram no que designa como um discurso sobre a viagem da Espanha realizada à volta do Mundo. O seu comentário sinaliza de imediato o facto de o imperador guardar a memória de tal feito, recorrendo ao seu cronista Pedro Mártir de Anglería, no *De Orbe novo Decades*. Ramusio parafraseia o discurso oficial, plasmado na epístola de Maximiliano de Transilvânia. Este último, era para Ramusio um importante filósofo, conhecedor do grego e latim, e amplamente demonstrara como a navegação espanhola se tinha efectuado para ocidente. Já Pigafetta representaria para o autor das *Navigazioni* ...um valeroso vicentino, que após o seu regresso na nau Vitória, fora feito cavaleiro de Rodes. Ele redigira um livro particularmente rico, tendo entregue uma cópia ao imperador e enviado uma outra à mãe deste. Segundo o próprio Ramusio a primeira impressão do texto partiria do mecenato de Luísa de Saboia, que encomendara a sua tradução do italiano para francês, a Jacques Lefèvre

d'Étaples (Pigafetta, 2021, p. 23). Este compilador refere que o texto teria omissões e alguns erros linguísticos, circulando, ao tempo, outras cópias francesas, de que se conhecem actualmente três.

Segundo Jean Denucé, que nos alvares do século XX estudou os relatos da viagem magalhânica e muito em particular as questões que se prendem com as edições francesas, em 1536, teria sido autorizada, possivelmente pelo editor, a impressão de um pequeno opúsculo em italiano intitulado *Il viaggio fatti da gli Spagnouoli a torno al el mondo*. Este teria tomado primeira impressão em francês do texto como texto original. Face à autoria da tradução para italiano do texto de Pigafetta incluso nas *Navigazioni ...* algumas correntes defendem que Ramusio se teria servido da edição de 1536, relativamente à qual ele teria estado envolvido na edição (Denucé, 1922, p. 15). Contudo, refira-se que: a) Ramusio só refere que o texto que lhe terá chegado às mãos; b) que este último é um resumo e tem omissões e incorreções linguísticas.

Seja qual for a origem desta tradução, o Pigafetta das *Navigazioni...* é um resumo alargado, algo diarístico da viagem, mas onde o compilador deixou a sua marca: ele oferece-nos o seu comentário e divide o relato em capítulos, cujos títulos sumariam a ação, dando, deste modo, coerência interna ao seu discurso, à sua compilação. Deste modo, Ramusio confronta o leitor a “cadeias de referência”, expostas na reorganização narrativa, usando-se a leitura interpretativa goodmaniana. Por outro lado, Ramusio corporiza na sua escrita/ compilação de viagem narrativas de encontro com o Outro, pois importa destacar que este relato de Pigafetta completaria a eximia retórica epistolar de Maximiliano de Transilvânia. Recorde-se, de novo, como a leitura hermenêutica destes textos obriga a um domínio conceptual dos campos da História e da teoria literária, importando desde já atender ao facto de que o discurso narrativo, ao ser repetidamente utilizado e manipulado por sucessivas traduções em diferentes línguas vernaculares, transmite necessariamente imagens, que ao serem incorporadas num novo contexto linguístico, tomam distintas funções e corporizam outros signos analógicos. É, pois, obrigatório confrontar depuradamente esses textos, considerando que estamos em presença de um exercício de tradução cultural, onde se vetorizam valores e símbolos, entendidos como construtores identitários, que se combinam em “cadeias de referência” originando instâncias de referências que se consubstanciam no perfil desenhado.

Consequentemente, quando o desocultamos, descodificamos, fundamentalmente, uma lógica de apropriação, marcada pelas respetivas agendas autorais, e não tanto um programa de sistemas culturais (Burke, Prochaska, 2008, p.35). Significativo é o facto de, neste momento, dever ser

tomado como a versão canónica do texto de Pigafetta o trabalho de Andrea Canova de fixação do texto (Canova, 1999). Subscrevo Joana Lima quando declara que este :

levou a cabo o meticuloso trabalho de análise textual, cotejando os cinco testemunhos quinhentistas –os três manuscritos franceses, o manuscrito italiano, e a primeira edição impressa -, tendo realizado também clarificações filológicas que o texto exigia. Embora, antes dele, outros estudiosos tivessem já mostrado preocupação com o texto e feito comparações entre os diferentes testemunhos, nenhum levava a cabo um trabalho de análise textual com desenvolvimento e rigor comparável. Significa isto que na história das edições e traduções modernas da *Relazione* de Pigafetta, há um claro *antes* e um *depois* de 1999 (Pigafetta, 2021,p.9)

Assim, ao expor a imagem de Fernão de Magalhães, através dos valores e símbolos que emergem num confronto entre o texto *reconstruído* de Pigafetta pelas várias cópias que se conhecem e o compulsado por Ramusio, de imediato, o encantatório das descrições dilui-se na economia dos dados informativos sobre a viagem.

Por outro lado, a voz de Maximiliano e a sua loquaz erudição ressalta na tradução ramusiana. Fernão de Magalhães é neste texto o comandante da expedição... o esclarecido varão português, que fora capitão das naus portuguesas, percorrera os mares do Oriente, tendo porém tomado ódio ao rei de Portugal, pela injúria que dele recebera, sem que a mesma seja claramente expressa. Magalhães partira ao serviço do imperador. Comandara as naus, reprimira os que contra ele se insurgiram, supliciando o chefe da revolta e os principais colaboradores. Ainda que instado a não intervir belicamente em Mactan, pois possuía um diminuto contingente de homens, Magalhães lutou, e foi trespassado.

Para Maximiliano, ele é um interventor, um construtor da viagem. Contudo, fá-lo, ao serviço do imperador Carlos V e esta é a afirmação que marca o discurso. Para Antonio Pigafetta, Fernão de Magalhães é o homem que conduz a expedição até à sua morte. Ele era um gentil-homem português, comendador da Ordem de Santiago de Espada, que percorrera o oceano com glória. No texto de Pigafetta, tomando Ramusio, as palavras deste sobre os antecedentes de Magalhães são parcas. Ele é evocado, nomeadamente quando se descreve o uso de sinais de luzes, como meio de manter os navios em conserva.

É através do cotejo das várias versões da narrativa de Pigafetta que a estrutura do relato se revela, cumprindo-se o princípio de verosimilhança do mesmo, visto ser a par do percurso do navegador, que o narrador da viagem, Pigafetta, assinala o seu

próprio percurso, isto é, que nos diz como chegou a Sevilha e participou na equipagem da expedição. Aqui Antonio Pigafetta é o homem próximo do capitão-general, acompanha-o de perto, testemunha o comando firme de Fernão de Magalhães ao longo das várias vicissitudes que aconteceram à expedição, marca os momentos em que ele, Pigafetta, foi bafejado pela graça de Deus, não sofrendo as doenças que dizimaram grande parte da expedição, ou quando caindo ao mar foi resgatado. O nosso narrador descreve a nova fauna e flora e os variados costumes que atentamente perscruta. É o diferente encantatório que flui no seu discurso. Pigafetta declara a admiração que tem pela habilidade e valentia de Fernão de Magalhães, ainda que por vezes seja parco em alguns detalhes, nomeadamente os que se prenderam com as contestações e a rebelião face ao comando de Fernão de Magalhães. A morte de Fernão de Magalhães é, panegiricamente, descrita, enunciando-se um, ainda que breve, elogio fúnebre:

Se não fosse o nosso pobre capitão, nenhum de nós salvava nos barcos, porque enquanto ele combatia, os outros se retiravam para os barcos.[...]Tenho esperança, pelos esforços de vossa ilustríssima senhoria, que a fama de um tão generoso capitão não seja extinta nos nossos tempos .[...] Além das outras virtudes que havia nele, era o mais constante numa grandíssima tormenta, mais do que qualquer outro; suportava a fome mais do todos os outros; e mais justamente do que qualquer homem que existisse no mundo carteava e navegava e, sendo isto verdade, vê-se claramente não haver nenhum outro com tanto engenho nem ousadia de saber dar uma volta ao mundo como já quade ele havia dado. ( Pigafetta, 2021, p. 77)

Já no Pigafetta ramusiano, o leitor é guiado pelos capítulos, cujos títulos, dirigem um discurso algo diarístico. Resumidamente registam-se os vários momentos do percurso da viagem, sinalizando o diferente. Todavia, o eu autoral dilui-se na narrativa (não sabemos que Pigafetta teria caído ao mar). É a acção do comandante Fernão de Magalhães que sobressai na narrativa. Veja-se como em muito brevemente a conspiração é cirurgicamente enunciada e o castigo declarado e cumprido. Em Ramusio e após um circunscrito relato do combate em que Magalhães morreu, referencia-se, muito brevemente, a sua excelência e valor(Ramusio, 1970, I, p. 361), prosseguindo a descrição da viagem.

Enfim, este foi o exercício de reconstrução de uma *Energeia*, isto é, de exposição do texto como substituto da imagem, na revelação de como o sujeito reconstrói e se reconstrói através das escritas de um tempo, através do signo de uma viagem e do

seu contexto, através da acção e morte de um homem que perdura no desenho da História.

### *Bibliografia*

- Avelar, Ana Paula Menino (2021) 'Fernão de Magalhães na historiografia ibérica do século XVI', Vítor Rodrigues - Ana Paula Avelar(coord.) *Fernão de Magalhães e o conhecimento dos Oceanos*, Lisboa: Academia de Marinha, pp. 465-480.
- (2022) *Veredas da Modernidade- Escrevendo o Mundo no Portugal de Quinhentos*, Lisboa: Colibri.
- Branco, Manuel Bernardes (1879) *Portugal e os estrangeiros* Lisboa: A.M. Pereira.
- Burke, Edmund M. - Prochaska, David (2008), *Genealogies of orientalism: history, theory, politics*, Nebraska: University of Nebraska Press.
- Castro, Xavier - Hamon, Jocelyn-Thomaz, Luís Filipe (2007) *Le Voyage de Magellan(1519-1522). La Relation d'Antonio Pigafetta et autres témoignages*, Paris: Éditions Chandeigne-Librairie Portugaise, 2007.
- Costa, João Paulo Oliveira (2007) *D. Manuel I 1469-1521-Um príncipe do Renascimento*, Lisboa: Temas e Debates.
- Denucé, Jean (1922) *Pigafetta. Relation du premier voyage au tour du monde par Magellan. 1519-1522. Édition du text française d'après les manuscrits de Paris et de Cheltenham*, Paris: Société de Géographie de Paris.
- Freeman, Donald B. (2015) *The Pacific*. London and New York: Routledge.
- Goodman, Nelson (1968) *Languages of Art-An Approach to a Theorie of Symbols*, New York: The Bobbs-Merrill Company.
- (1981) "Routes of Reference." *Critical Inquiry* 8 (1), pp. 121–132.
- Hauser, Gerard (2002) *Introduction to Rhetorical Theory*, Illionois: Waveland Press Inc.
- Kohler, Alfred ( 2001) *Carlos V-1500-1558. Una Biografia*, Madrid: Marcial Pons.
- Lipovetsky, Gilles - Serroy, Jean (ed.) (2010) *Cultura-Mundo - Resposta a uma sociedade desorientada*, Lisboa: Edições 70.

- Morizot, Jacques (1986) 'Schier ou la redécouverte des images', *La naturalité des images- Essai sur la représentation iconique*, Paris: CNL, pp. I-XXIV.
- Offenstadt, Nicolas et alii (eds.). (2010) *Historiographies. Concepts et débats*. Paris: Gallimard.
- Parker, Geoffrey (2019) *Emperor: A New Life of Charles V*. Yale, Yale University Press.
- Ramusio, Gian Battista (1970) *Navigazioni et Viaggi*, Amsterdam: Theatrum Orbis Terrarum, 3 vols.
- Pigafetta, Antonio (2021) *Relação da Primeira Viagem em torno do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Pigafetta, Antonio - Canova, Andrea (ed.) (1999) *Relazione del primo viaggio attorno al mondo*. Padua: Ed. Antenone.
- Sousa, Frei Luís de (1938) *Anais de D. João III*, Lisboa: Livraria Sá da Costa-Editora.
- Thomas, Hugh (2003) *El Imperio Español - De Colón a Magallanes*. Barcelona: Planeta.
- Thomaz, Luís Filipe F. R. (2018) *O Drama de Magalhães e a Volta ao Mundo sem Querer...* Lisboa : Gradiva
- Yates, Frances A. (2001) *Astrea. L'idea di Impero nel Cinquecento*, Torino: Einaudi.

### *Curriculum vitae*

Associate Professor at Universidade Aberta, researcher at CHAM and other research centres. She has integrated and coordinated several national and international projects. She is the author of several books and essays on History Studies, Asian Studies and Portuguese Culture. She teaches at undergraduate and graduate programs and supervised several thesis and dissertations. Visiting Professor at several universities, she is also member of national scientific academies, and stands on the board of the Academia de Marinha (Portugal).



**Periodico semestrale pubblicato dal CNR**

Iscrizione nel Registro della Stampa del Tribunale di Roma n° 183 del 14/12/2017